

# Etnografismos: cartografias da pandemia<sup>1</sup>

Olivia von der Weid<sup>2</sup>

Nathália Christina Pinheiro Pinho<sup>3</sup>

João Pedro de Oliveira Medeiros<sup>4</sup>

Mateus Sayão da Silva<sup>5</sup>

Pedro Henrique Dutra Novaes Souza Pietracci<sup>6</sup>

Potira de Siqueira Faria<sup>7</sup>

Rafaela Sales de Paula<sup>8</sup>

## Introdução

A familiaridade de um mundo cada vez mais precariamente estável, ao qual mal estávamos acostumados, já vinha dando claros sinais de esgotamento. De uma hora pra outra, desabou. Nos últimos meses experimentamos a interrupção dos fluxos, a suspensão do tempo, o confinamento do espaço, a fragilização da vida, a intensificação do aspecto mutável dos contextos, dos cenários, das previsões. Vivemos sob o medo do contágio, a sombra do fim e a suspeição do futuro. Como um dos efeitos dessa onda vemos a produção avassaladora de instabilidades em subjetividades que nem sempre estão equipadas para absorvê-las.

Para atravessar o deserto sem ceder à sede do colapso e suas conhecidas patologias - medo, neurose, pânico, perda de sentido – é possível fazer do estranhamento um ninho. Reintegrar o sensível à existência, ativar corpos capazes de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020, no GT 03- Antropoéticas: outras (etno)grafias.

<sup>2</sup> Antropóloga, Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, coordenadora do CONATUS – Laboratório de Pesquisas sobre Corpos, Naturezas e Sentidos.

<sup>3</sup> Estudante de mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), integrante do CONATUS.

<sup>4</sup> Estudante de graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), integrante do CONATUS.

<sup>5</sup> Estudante de graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), integrante do CONATUS.

<sup>6</sup> Estudante de graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), integrante do CONATUS.

<sup>7</sup> Estudante de graduação em antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), integrante do CONATUS.

<sup>8</sup> Estudante de graduação em sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), integrante do CONATUS.

serem afetados sem sucumbir, respirando possibilidades criadoras e derramando novos mundos com suas existências vivas.

A fim de dar corpo a esta égide iniciamos um projeto coletivo do CONATUS – Laboratório de Pesquisas sobre Corpos, Naturezas e Sentidos, nos alimentando regularmente de etnografismos e poéticas de corpos sensíveis que, cada um em sua célula, exercitam uma observação e uma escrita afetiva, afetada e atenta sobre o que nos acontece. Nos munimos de um conjunto aberto de ferramentas (conceitos, imagens, trechos literários, sensibilidades, materiais e grafismos) que nos convidam a reconquistar a liberdade de experimentação, mantendo ativa a escuta antropológica, povoando nosso campo de histórias, alimentando o fogo da criação de novos sentidos para o que hoje nos investe.

Nos convidamos neste projeto à desindividualização. Praticamos a colaboração em cada etapa do percurso, o desprendimento de si, a partilha dos processos, a coletivização dos meios, o desdobramento dos achados. Nossa escrita aqui é como a vida, porosa, movente, um trabalho interminável em contínuo andamento. Não constituímos, no entanto, uma única voz sobre os fenômenos que cartografamos. As singularidades se fazem sentir nas composições dos grafismos, permitindo ao leitor tirar suas próprias conclusões do que aproxima e do que diferencia as experiências. Somos um e somos únicos.

As grafias do tempo presente são experimentadas nos caminhos que percorremos ou deixamos de percorrer, nas atividades que antes não fazíamos no interior de nossas casas, nas entradas e saídas de portas, mudanças de cômodos, nos novos objetos corporificados, nos líquidos trocados e no compasso das tarefas cotidianas. Entendemos que os movimentos e ritmos das atividades humanas e não-humanas, no modo como se inscrevem no espaço vivido, são como formas de escrita. Fios que são como a extensão do corpo - linhas ao longo das quais se vive, que conduzem nossa percepção e ação no mundo.

Sem saber o que virá, improvisamos nossa itinerância (Ingold, 2015), seguindo os modos do mundo à medida em que as coisas se desenrolam. Acompanhamos as forças e os cursos das coisas que estão se fazendo em nós e ao redor de nós. O diário como ferramenta para não arrefecer diante do colapso de antigos padrões, interna e externamente constituídos. Cultivar a potência transformadora do estranhamento no cotidiano, princípio antropológico por excelência. Demos as mãos e mergulhamos na vertiginosa atividade de criação de sentidos para as turbulências que nos alcançam.

Lançamos algumas linhas-fio e acompanhamos os movimentos que foram se fazendo ao longo do percurso. Tínhamos um lugar de origem, mas não sabíamos onde iríamos chegar. As idas e vindas, escorregões, quedas e tropeços fizeram parte do percurso, tão valorosos e constitutivos quanto os possíveis equilíbrios. Não nos preocupam os fins, mas a qualidade vivida nos meios. A vida nunca esteve tão em aberto. Ou sempre esteve, nós é que não estávamos prontos para a abertura. Seguimos seu impulso de indeterminação e persistência, tocando em frente, improvisando caminhos, encontrando frestas e refloreando no agregado de experiências que colhemos, aqui e ali. Emaranhando trajetórias, percepções e narrativas vamos construindo novas texturas para o presente. A cada composição nossas linhas se entrelaçam para formar, assim desejamos, um tecido vivo de significações.

### **Vivendo, escrevendo e tecendo sentidos na pandemia**

Etnografismos chega como um dispositivo de pesquisa e um mecanismo de subjetivação que nos convida a retomar as rédeas do acontecimento em nós, ao invés de se deixar ser simplesmente levado pela enxurrada de excesso ao redor: de informação, de opinião, de estímulos, choques, cobranças, faltas. A velocidade e o ruído apagam a memória, tornam impossível a experiência (Bondía, 2002). Não se escreve sobre o que nos acontece no automatismo da ação, é preciso interromper a captura da opinião, suspender a sequência de julgamentos sem fim, diminuir a velocidade até encontrar a pausa. Se colocar em estado de disponibilidade e abertura para olhar, sentir, escutar, observar, provar esse tempo novo que nos atravessa. Um convite para se expor a sentir o presente - com tudo o que ele traz de vulnerabilidade e risco -, e encontrar seus meios de grafá-lo. As reuniões virtuais semanais cultivadas como um ritual sagrado do encontro: de si para si e com os outros. Espaço para estabelecer os elos, encontrar ligações, exercitar uma escuta receptiva e atenta, se deixar afetar e trocar afetos.

São vários tipos de risco. Ficar no isolamento pode ser um risco para como lidamos com nós mesmos. Encaramos o desafio de romper com hábitos que desenvolvemos no início da pandemia que não nos faziam bem, desatar com fios que se ataram espontaneamente, às vezes sem percebemos, e que acabavam nos causando mal. Criar novos hábitos, novas formas mais saudáveis de nos relacionarmos com o que está se passando. Aprender a lidar consigo de outra forma também é um risco. O novo, o

diferente sempre é um risco. Ao nos arriscarmos juntos na criação de sentidos e novidades, deixamos nossas marcas no mundo ao redor, e em nós mesmos.

Tendo surgido no período de pandemia, o ‘Etnografismos’ nasceu em meio ao colapso dos sentidos convencionais, do silêncio e esvaziamento das direções que antes governavam nossa vida. A presença da suspensão parece ter sido a própria base dele. Seu caminhar se fez do exercício da produção de sentido acerca da experiência cotidiana. Através da atenção, transformando a vida de estímulos em uma de acontecimentos, foi-se construindo o caráter pedagógico dessa proposta. Convergente ao olhar que propõe Bondía (2002) para a educação, no Etnografismos os pesquisadores em formação, e mesmo os convidados, exercitaram o silêncio que deixa cair os clichês de significação, o caminho comum e repetitivo; a atenção aberta para aquilo que, de outra maneira, talvez não se tornasse objeto de observação; a sensibilidade para tocar o que foi encontrado de uma maneira não-invasiva; e a chama acesa da curiosidade que dá sentido às coisas.

Tecemos nossa jornada navegando nas palavras. Trocamos reflexões sobre a vida, o que também é sobre como viver. Etnografismos é uma reflexão sobre como a gente se coloca no mundo no meio dessa situação peculiar que estamos vivendo. Quando a gente produz uma escrita do lugar da excitação sai aquela escrita clichê, previsível, cíclica, que fica fechada num *looping*. Aqui a gente escreve a partir da experiência. Você precisa de um nível de silêncio, de uma profundidade mínima para exercitar esse tipo de escrita, precisa abrir espaço entre os estímulos constantes que nos circundam. É uma escrita menos controlada, é um lugar de silêncio e transbordamento.

“Todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra” (Bondía, 2002). Seria interessante pensar a relação fundamental entre homem e a palavra agora. Não como uma faculdade ou habilidade, mas como uma condição. Refletindo por cima da condição humana da palavra, associamos o sentido de expressar o que há por dentro, comunicar aquilo que sei à Outro, transmitir aquilo que entendo graças ao símbolo. Se há esse estado fundamental humano ele é de fato apreendido na palavra, e ainda por cima na palavra que comunica. A palavra que não comunica a ninguém é uma palavra só, e uma palavra só, é um homem só, e num homem só sua humanidade não prevalece. A forma sofisticada e coordenada de comum acesso à comunicação - a escrita - um escafandro das palavras, não pelo peso, mas por suportar a pressão do tempo. A palavra tem força, mas a escrita tem perseverança. De

nada vale frutos de experiências vívidas que morrem no mesmo caminho de adquiri-las. O fato é que comunicar, transmitir, aprender a fazer isso de forma justa com aquilo que deve ser passado é tão crucial quanto ter algo a se passar. Etnografismos é a experiência que temos de fazer perseverar a comunicação, comunicação entre o “eu” e aquilo que se passa neste. É, para além, a tentativa de fazer isso de maneira justa, sabendo comunicar da melhor forma. Experimentando formas de se comunicar para que, não só a palavra, mas a escrita possa assumir um papel de condição.

### ***Possar: tempos de queda e lapidação***

“o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe pra gente é no meio da travessia”  
(Guimarães Rosa)

Exercitamos uma escrita da experiência, colhendo e elegendo palavras que pudessem nomear o conjunto muitas vezes deformado e ambíguo de sensações que nos atravessavam. Como diz Bondía: “Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (2002, Bondía). Apresentamos aqui nosso exercício de nomeação das mudanças que identificamos na percepção do tempo, nesse prolongado período de quarentena e pandemia.

No começo a sensação de esvaziamento remete à experiência em modo contínuo de um eterno domingo. Ruas vazias arrepiam o corpo. Vidas interrompidas, medo e assombro à espreita. Uma batalha de titãs. Se estou lá, continuo aqui? E quando não há mais previsão de calendário? Quando nos encontramos no não-lugar, quais são os marcos que referenciam nossos dias? As horas se libertaram dos minutos e saíram por aí desordenadas. O relógio corre solto como se as coisas estivessem paradas. Instante entrecortado e contínuo. Entorpecido. Uma brecha aberta na pedra do tempo escancara a imprevisibilidade dos dias que sempre estivemos tentando conter. Tempo de rupturas e descompassos. Tudo suspenso. Presente sem futuro. Começo sem fim. Retorno sempre para o meio. Já fazia tanto tempo assim? Esse tempo de agora se investe, desperdiça, vende, aproveita ou se perde?

A pradaria, a neve e os animais ao longe. Talvez fosse esse o cenário de Catierina Lvovna. Exceto pela paisagem agrária e o frio avassalador, o “tédio russo”

pousou em terras tropicais e, não muito tempo depois, criou raízes: os dias e as noites, assim como os dias da semana, tornaram-se indistinguíveis, um eterno *looping* se instaurou. Se tal tédio principia algo, ele antecipou senão, somente, a fragilidade da carne e o seu insaciável anseio por vozes, rostos, cheiros, toques e peles. O “tédio russo” à brasileira deflagrou o ócio dos abastados e a ignorância dos paupérrimos, ávidos por subsistências sociais, culturais e monetárias todos saíram com peitos e narizes abertos: o tédio havia acabado e os gráficos haviam acenado.

Lapso do tempo, acontecimentos cotidianos sem grandes entradas, o mês que tanto apreciava no passado se tornando um tempo de resultados. Um corpo cansado e uma alma imóvel. É assim meu tempo, um vazio circular.

“**Circular**”: O tempo circular pode ser o tempo de repetição, de mesmice, da falta do intervalo, da pausa, do que está ‘entre’, da passagem, das transições, das mudanças. Este, é tempo tédio, tempo aprisionado, enlouquecedor, dolorido, da busca por algo fora, além do alcance, da insuficiência do que está aqui. Há também a circularidade daquilo que se conecta com o entorno, que alimenta e se sente alimentado. Nos encontramos em um percurso comum, em um equilíbrio, na atenção sensível que vê a originalidade de cada instante e se dispõe. E vendo não haver nada fora a buscar e ansiar, ansiedade cai, depressão cessa, energia se apresenta na alegria de estar junto.

“**Kali Yuga**”: É o tempo difícil do mundo, árduo para todos. Todas as coisas são perturbadas e a lucidez ainda resta para poucos. Um momento de degradação da vida que é retardada pelas virtudes e boas esperanças. Apesar de ser o mais pavoroso dos tempos, a condição irrevogável dos tempos é que não assumam imutáveis. Como *Kali Yuga* aguarda *Kalki*, qualquer dos tempos espera seu próprio fim.

Escutando aquela música como se tivesse em uma conversa com alguém, apenas as memórias ainda se lembram dela. Nem a chuva doce de fim de tarde me acompanha, apenas risos falsos ao som de um velho violão desafinado. Ainda entrelaçam as mais belas canções na minha memória, fruto de um tempo esquecido, uma pequena queda que continua sem cessar. Aquela outra queda, tão longe e tão forte, marcou profundamente. Percebi que heróis também caem, eu poderia esquecer? Meus heróis caindo, novas quedas e a mesma música tocando na melodia sem fim.

“Talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?” (Krenak, 2019, p.57).

Caímos. Os tropeços dão cabo dos dias. O medo arde tanto quanto o desejo. Troncos em carne viva sem poder se tocar. Sorrio para esquecer da dor de não sorrir. Uso cada sorriso como uma máscara. Se adaptar à um ambiente hostil. Todos se olham espremidos naquele metal. É preciso segurar a intensidade da loucura quando ela vem se irmanar com a lucidez. O que foi se torna agora. Cair é um gesto de entrega. Atraído pela força da gravidade, o corpo pende na direção do chão. Andar é uma forma de manejar a queda.

*Você está andando.*

*E você nem sempre percebe, mas você está sempre caindo.*

*A cada passo você cai ligeiramente para frente.*

*E então se impede de cair.*

*De novo e de novo, você está caindo.*

*E, em seguida, se impedindo de cair.*

*E é assim que você pode estar andando e caindo ao mesmo tempo.*

*Walking and falling, Andando e caindo, Laurie Anderson, tradução livre*

Nosso movimento é feito de desequilíbrios impulsionados. Não se escapa das restrições e das quedas, a gente simplesmente aprende a melhor forma de manobra-las. Desgoverno convoca a um novo modo de se governar. Desatando os braços e chacoalhando: pra não despencar renascimento em pleno voo. Minha dança desengonçada e inquietante dilacera-se. Ponto de passagem. Depois da descarga ao chão, é renovação que se insinua pelos cantos desviados. Disruptura diariamente convida à reinvenção. Na medida em que perdura o intervalo nos faz outros. Do outro lado do abismo o desconforto descortina novos horizontes de ação:

“**Quarentenar**”: Reprimir aquilo que já estávamos acostumados, reprimindo caminhos e formas. Quarentenar-se é um ato que provoca ansiedade e que se impõe sem dar previsões. Quarentenar é um processo de morte que descasca violentamente as relações e a experiência. Quarentenar só tem êxito quando é absoluto. Foi uma experiência dolorosa (como deve ser) mas, pelo bem da palavra, acredito que quarentenar seja um processo de reinvenção prescrito. Quarentenar é abrir um espaço obrigatório e doloroso e que não se deve lutar contra isso. Quarentenar é tirar o leite de pedras. Uma boa poda.

“**Caranguejar**”: caranguejar é recolher-se no silêncio atento, de escuta. Aninhar-se no profundo. Descanso, hibernação? Retorno, *apaziguação*. Ceder. Soltar. Recolher. Esperar. Aguardar. Silenciar, observar.

“No fundo do poço, será que posso?” Poço, substantivo masculino. Posso, forma conjugada do verbo “poder” na primeira pessoa do singular. Quando fundidos, sob a poética luz antropológica, os signos não só informam ou qualificam o produto de sua criação, como também se dissolvem numa cuidadosa gramática do sentir. Estilizações gráficas ou figuras de linguagem, o fruto de um descuido gramatical torna-se antes a expressão, talvez mais pura, de um estado provocado pela eminente confusão: ontológica, psíquica, comportamental etc. O “poço” e “posso” se entrelaçaram e, contraditoriamente, mostraram, para o seu autor, a luz no fim do túnel de uma caverna movediça.

“**Possar**”: nasce do encontro entre poço e posso. Remete ao assombro e à vertigem da queda, bem como ao exercício de lapidação de si para reinventar a existência. Escarafunchar por um tempo na horizontalidade da lama para então reconquistar a verticalidade por novos caminhos. Se apossar da própria vida, do próprio tempo, organizando as atividades em termos mais condizentes com ritmos e propósitos internos. *Possar* é verbo, portanto, é exercício cotidiano de busca e afirmação no equilíbrio instável do presente. Elegemos a palavra-verbo *possar* como aquela de maior precisão no gesto de nomear a experiência de existir nesse tempo novo, aberto e incerto que atravessamos. Tempos de queda e lapidação.

### **Permanência na impermanência**

A preocupação com a comunicação vem porque ela nos ajuda a compreender a experiência, a dar significado à experiência. Adentramos uma outra camada. Se a gente apenas vive, a gente vai ter a experiência, mas se não refletimos sobre ela, se não trazemos sentido, não tentamos nomeá-la, ela pode se perder no fluxo de experiências contínuas que é a vida. Então quando a gente faz esse gesto, que é o etnografismo, de tentar pausar e trazer uma outra camada de reflexividade a respeito do que estamos vivendo, aquilo pode ganhar uma outra dimensão, a dimensão de ser comunicado. A ideia de resplandecer remete a este gesto de ganhar mundo, ganhar vida, ganhar conexão. Criamos conexão porque nomeamos a experiência e podemos compartilhá-la com os outros. Encontrar a palavra certa, aquela que traz uma dimensão de justeza

naquilo que você está vivendo. É um processo de refinamento, de ir busca do encaixe perfeito, ainda que no próximo instante ele se desfaça.

Como escrever depois de anos me escondendo da escrita? Não saberia, não poderia, não conhecia a minha antiga voz. É como encontrar com o meu eu, me encontrar com a criança falante, que olhava para as estrelas como pequenos vagalumes, uma liberdade ingênua, como pequenos fogos de artifício que agora pairam no meu céu ainda cor de púrpura. Mais do que um espaço de momentâneo “desligamento” ou lar de subterfúgio, a árdua escrita do etnografismos criou uma linguagem do cuidado. Uma linguagem que extrapolava o papel e perfazia seu circuito junto a tela: no partilhar dos momentos e dos pratos, no sorriso dos colegas ou nas confissões desesperadas. Uma arte da sensibilidade era o que acontecia ali. Se uma sociedade se define pelo seu espírito coletivo e menos pela soma de seus indivíduos, as cartografias da pandemia costuraram seis, depois sete, vivências díspares; tingiram-nas com cores diversas numa superfície pouco adepta a cores e depois as confundiram sob as mesmas siglas: rotina, queda, tempo, memória...

As experiências são singulares, nunca deixaram de ser singulares, mas também construíram uma trama. Mantivemos um campo comum de inquietações que vão ganhando cores específicas de acordo com o que é cada vida. Cada vida que está aqui habita lugares, tem dimensões, tem histórias, sensibilidades únicas, mas ao mesmo tempo elas podem conversar, elas podem tramar, elas podem gerar uma figura a respeito de uma dimensão comum da experiência - seja o habitar, a queda, os vínculos -, essas motivações que foram gerando os grafismos e que foram sendo descobertas e reveladas ao longo da própria partilha de escrita. Descobríamos o tema do próximo grafismo a partir do texto que cada um trazia para a roda, não era um tema imposto, era um tema que nascia, que brotava. O que também é interessante como processo, pois traz essa característica de algo que perpassa cada um de nós, eram temas que estavam nos atravessando. Cada um à sua maneira, mas eram temas comuns. Não à toa, temas comuns ao tempo que estamos vivendo, esse tempo/espço de pandemia. Provavelmente outras pessoas atravessaram as mesmas dimensões nas suas particularidades únicas, parte de uma experiência social mais ampla que vai ganhando uma tonalidade em cada casa.

O corrimão de uma escada sinuosa. A âncora de um barco em um mar revolto. O ponto fixo no horizonte que acode o naufrago. No etnografismos, mesmo sob tropeços, é verdade, fomos aonde tivemos de ir e, com a certeza da instabilidade, aprendemos

mais com o trilhar do que com o seu fim em si. É legítimo que não tenhamos chegado ao “núcleo duro” de toda esta experiência, se não, somente, observado seu brilho perigoso e sentido o seu aroma fétido. Pincelamos histórias, coletamos vivências e, por fim, se somos palavras, nos fizemos poesia, navegamos e transbordamos sob o alívio da escrita.

Experimentando e buscando, no mar de estímulos em que fomos jogados, um modo de se conduzir, uma maneira de “dar sentido ao acontecer do que nos acontece” (Bondía, 2002), fomos de encontro, no caminho, ao nosso próprio jeito de dizer as coisas, descobrindo um estilo ou um saber particular porque derivado de vidas únicas. Exercitamos assim, em conluio solidário, nosso gesto de rebeldia contra a clivagem que a experiência da crise pandêmica tem gerado nas subjetividades, encontrando nas cartografias do tempo presente canais para a expansão da vida, germinação de mundos e reinvenção da existência (Rolnik, 2016).

Toda essa vida (in)contida, que antes transbordava dos prédios para as praças, ruas e calçadas, está produzindo fluxos e reverberações, borbulhando criações, se deixando eventualmente entrever à superfície da pele. E porque compartilhamos experiências, o saber que produzimos não pretende gerar consenso, mas se fertilizar nas diferenças, pluralizar sentidos, fazendo caminho na medida em que caminhamos. Se a pandemia nos tombou, que a gente possa suportar a queda, experimentar o chão e se deixar (re)formar pela horizontalidade.

### **Referências bibliográficas**

- BONDÍA, Jorge Larrosa. 2002. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, N.19, pp 20-28.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras.
- ROLNIK, Suely. 2016. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.